

divulgação

Notícias, Maputo, 14 de Julho de 1983

N. 14/7/83

Educação da criança cega

por Raul Honwana

Os exames psicológicos estão intimamente relacionados com os conselhos vocacionais. Por meio deste processo, pode-se ajudar a criança cega a escolher a ocupação ou profissão, para a qual esteja melhor preparada, em que se encontre melhor o seu interesse e que, logicamente, será naquela em que terá maiores probabilidades de êxito. Este conhecimento obtém-se por meio de entrevistas frequentes que permitem avaliar objectivamente a actuação da criança cega na escola.

Dando à criança cega desde cedo o melhor conselho possível no que se refere à sua educação, não só se poupará consideravelmente o tempo, como também numerosas desilusões no futuro.

A preparação da criança deve dirigir-se e planear-se cuidadosamente até uma meta definida. O orientador vocacional deve, não só entender totalmente a natureza humana mas, ao mesmo tempo, estar bem informado sobre as características que são imprescindíveis para o sucesso na sua educação.

Ao solucionar a ocupação mais adequada para uma pessoa ce-

ga, em particular, os factores importantes são o interesse, a perícia, a habilidade e a preparação, mas nunca a sua cegueira.

Uma vez determinados estes factores, deve-se buscar uma ocupação que requeira as faculdades demonstradas pelo indivíduo e só então se pode determinar se a vista é absolutamente necessária para o desempenho eficaz do trabalho. Em muitos casos, bastará fazer ligeiras adaptações para que a visão não seja inteiramente imprescindível.

Já não pensamos em (o que o cego pode fazer), mas, em (que pode fazer este homem ou esta mulher que, por acaso não vê?).

Por meio desta teoria de selecção de emprego e conselhos vocacionais, toda a gama de trabalhos para o homem com vista se pode explorar para pô-la à disposição dos cegos.

No mundo do trabalho, sempre se deu uma importância excessiva à necessidade da vista e os entendimentos nos assuntos de ocupações para os cegos, assim como as orientações vocacionais,

deverão auxiliar as pessoas cegas aos bilhões da tradição e ocupar o lugar a que têm direito na sociedade, como cidadãos competentes.

Este reforço requer contudo, coragem, conhecimento e confiança na capacidade dos que perderam a vista.

A ESCOLA E A COMUNIDADE

Este conceito, já amplamente enraizado entre nós, devido aos esforços envidados nesse sentido pelo Ministério de Educação e Cultura, assume, no caso particular da escola para crianças cegas, uma importância extraordinariamente profunda no que concerne à futura integração comunitária dessas crianças.

Com efeito, o maior obstáculo à integração do deficiente na sociedade, é porventura a atitude das pessoas com vista para com os portadores de qualquer deficiência física, e, particularmente, para com os que não vêem.

Em muitos sectores de opinião, mesmo das camadas mais esclarecidas da nossa sociedade, persiste ainda lamentavelmente, o preconceito retrógrado de ver na pessoa cega um ser diferente dos outros, qualquer coisa exótica que, por vezes, executa certas habilidades dignas de admiração. Em tais casos, a antipatia revela-se

de dois modos distintos: piedade excessiva ou marginalização total.

O resultado disso é que a própria sociedade vai fomentando a existência do pedinte cego, já que deste modo as pessoas podem praticar a caridade em desconto «dos seus pecados».

É devido a estes sentimentos profundamente arraigados que resulta tão difícil conseguir trabalho em ocupações normais.

O próprio cego tem a grande responsabilidade de ajudar a sociedade a aceitá-lo como ser humano com direitos, sentimentos e uma personalidade igual à dos que vêem. Ele deve provar à sociedade que é uma pessoa competente, capaz de aceitar as responsabilidades normais na sua comunidade.

A escola para cegos desempenha um papel importantíssimo na vida da criança cega, pois é aqui onde ela aprende a aceitar e usar sabiamente estes privilégios. Mas por outro lado, a escola deve chegar a algo mais do que a educação social, académica e vocacional da criança.

A escola deve ser o farol directo que eduque a família e a sociedade, como um todo integral. E só desta forma se pode mudar a atitude negativa dos que são dotados de vista, relativamente às pessoas cegas. O primeiro passo positivo neste sentido, é a educação dos pais das crianças. E é precisamente esse o nosso esforço actualmente.

★ Director do Instituto Nacional dos Deficientes Visuais